



EDIÇÃO Nº 05 OUTUBRO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/09/2013

ENTENDENDO O *DESIGN THINKING*, SUAS RELAÇÕES E CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA¹

Nayra de Paiva Oliveira – FFLCH/USP²

Resumo: Este artigo visa tratar do ensino de Língua Estrangeira (LE), fazendo um resgate histórico dos métodos utilizados até o momento e focalizando alguns aspectos do ensino de LE no Brasil. O objetivo é fazer uma reflexão sobre o ensino e a aprendizagem de línguas, sinalizando a importância de buscar teorias aliadas à prática para criar e desenvolver novas alternativas aos velhos métodos, os quais têm o seu papel, mas já não conseguem atender às necessidades pedagógicas da realidade em questão. Kumaravadielu (2008) nomeia os momentos atuais de ensino de Língua Estrangeira de era pós-método e é radical ao explicar a importância de abandonar o passado das metodologias que são muito gerais e desenvolver novas estratégias que atendam as necessidades de cada ambiente escolar específico. O presente trabalho está embasado teoricamente nas leituras sobre ensino de LE e no conhecimento produzido na disciplina de mestrado, “Novas Arquiteturas Pedagógicas”, oferecida pela Faculdade de Educação (Universidade de São Paulo – USP), a qual proporcionou momentos para perceber que o *Design Thinking*, criado pela empresa norte americana IDEO, pode ser uma alternativa para desenvolver soluções inovadoras que se preocupam com a realidade dos discentes e docentes, visando tornar a aprendizagem de LE profícua. Para a realização deste estudo foram feitas leituras, fichamentos sobre os temas e discussões críticas-reflexivas que podem ser encontradas no decorrer do artigo.

Palavras-Chave: Ensino, Língua Estrangeira, *Design Thinking*.

Abstract: This article aims to address the teaching of a Foreign Language (FL), making a historical review of the methods used until now and focusing on some aspects of FL teaching in Brazil. The goal is to think about language teaching and learning, pointing the importance of seeking theories combined with practice to create and develop new alternatives to the old methods, which have their role, but can no longer meet the educational needs of the actual reality. Kumaravadielu (2008) calls the current moments of Foreign Language teaching post-method era and he is radical to explain the importance in abandoning the past methodologies that are too general and develop new strategies to meet the needs of each specific school

¹ Artigo apresentado à disciplina do mestrado da Faculdade de Educação (Universidade de São Paulo): Novas Arquiteturas Pedagógicas para Avaliação.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Culturas Italianas (FFLCH/USP). Bolsista Capes. E-mail: nayrapaiva@usp.br



EDIÇÃO Nº 05 OUTUBRO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/09/2013

environment. This work is based on the readings about FL teaching and on the knowledge produced during the attendance to the master's subject, "New Pedagogical Architectures", offered by the Faculty of Education (University of São Paulo - USP), which provided moments to realize that Design Thinking, created by the North American company IDEO, can be an alternative to develop innovative solutions concerned with the reality of teachers and learners, targeting to make learning a FL useful. To accomplish this study were done readings, record keeping about the topics and critical-reflective discussions that can be found in this article.

Key-words: Education, Foreign Language, Design Thinking.

Introdução

Pode-se dizer que o ensino de Língua Estrangeira (LE) formal no Brasil começou com a implantação das primeiras escolas no país. Na atualidade, aprender outra língua faz parte do currículo escolar de instituições privadas e públicas. Ao longo do tempo, foram desenvolvidos vários métodos para o ensino de LE, como a gramática-tradução, o método comunicativo, entre outras abordagens mais recentes. Apesar de existirem tantas metodologias, percebe-se que estas não dão conta de atender às necessidades dos alunos que, na maioria das vezes, após doze anos de estudo (quando incluímos a formação desde o 1º ano do Ensino Fundamental até 3º ano do Ensino Médio), ou sete anos (considerando apenas a formação a partir do 6º ano do Ensino Fundamental até 3º ano do Ensino Médio), declaram não saber a Língua Estrangeira que faz parte da grade curricular da escola.

Essa realidade revela um problema, uma vez que os alunos, ao longo do tempo citado, participaram de uma disciplina de LE na escola. Contudo, não é o objetivo deste artigo tecer reflexões que suscitem um diagnóstico dos fatores motivadores desse fenômeno. Mas, pautando-se na teoria de Kumaravadivelu (2008), sobre a "morte dos métodos", o foco é pensar novas formas de ensinar LE, que extrapolem as prescrições metodológicas que não dão conta de suprir as necessidades de aprendizagem dos alunos. Todavia, apenas deixar os métodos antigos de lado não é a solução. É importante refletir sobre eles, pensar no legado que deixaram, o caminho que abriram para que fosse possível construir alternativas. É nesse momento que o *Design Thinking* oferece suporte para elaboração de novas arquiteturas pedagógicas, que fujam dos velhos métodos e que seja solução inovadora para problemas que a sala de aula apresenta.

Frente ao exposto, este artigo apresentará um panorama geral sobre o ensino de LE e



EDIÇÃO Nº 05 OUTUBRO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/09/2013

as metodologias mais conhecidas e desenvolvidas até o presente momento. Em seguida, serão discutidas as características do ensino de LE no Brasil. Por último, serão pontuadas as características dessa nova arquitetura pedagógica para o ensino de LE.

Considerações Gerais sobre o Ensino de Língua Estrangeira

Existem registros na história da humanidade que relatam o processo de conquista de povos, e sobre tais registros destaca-se a hibridização cultural, na qual o dominador adotava, da cultura do dominado, aquilo que considerava relevante, e nesse contexto destaca-se o poder da língua. A partir dos registros, sabe-se que o primeiro povo que aprendeu outra língua foram os acadianos (CESTARO, s/d). Eles conquistaram os sumérios e adoraram alguns aspectos do idioma deste povo. A aprendizagem baseava-se em entender às formas de escrita, e a língua das comunicações cotidianas continuou sendo a dos acadianos.

Outro exemplo são os romanos, que aprendiam a língua dos gregos e prestigiavam sua cultura. No entanto, não se interessavam pelas línguas e culturas denominadas bárbaras e para a comunicação com os romanos era necessário aprender o latim, pois era a língua oficial do Império.

No período de dominação romana, aproximadamente no século III d.C, surgiram os primeiros manuais de ensino de LE (GERMAIN apud CESTARO, s/d). Os materiais eram para o ensino do grego e tinha os falantes do latim como público alvo. Quanto à aprendizagem, esta era focada na prática do vocabulário e da conversação, tendo a tradução como base.

Fora do mundo greco-romano, o latim era ensinado como língua de prestígio em relação às línguas regionais, locais. Era a língua da literatura, ciência e artes. No final da Idade Média o uso oral do latim diminuiu e as línguas utilizadas para comunicação, como francês, alemão, espanhol, tornaram-se importantes no contexto escolar de ensino-aprendizagem. No entanto, apesar do interesse nas habilidades comunicativas da LE, as metodologias estavam baseadas no modelo de ensino greco-latino.

Segundo Richards e Rodgers (2001), o latim gradualmente foi sendo abandonado ou estudado ao lado das línguas chamadas modernas. No entanto, o modelo utilizado para ensinar o latim, estudo da gramática, prática das regras, memorização das declinações, tradução, tornou-se base para o ensino de outras línguas.



EDIÇÃO Nº 05 OUTUBRO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/09/2013

Após 1880 alguns linguistas europeus, como Wilhelm Viector, Paul Passy e Henry Sweet, propuseram que a prática oral deveria ser enfatizada no ensino de LE. As principais ideias eram: estudar a língua falada; praticar a fonética para desenvolver a boa pronúncia; usar textos com conversações; estabelecer significados na nova língua e não na língua nativa. Ao atender essas propostas surgiram vários métodos: o método direto; a abordagem oral e situacional; o método audiolingual. Apesar da ênfase no contato direto com a LE e foco na oralidade, esses modelos de ensino continuaram prestigiando a estrutura da língua, assim como os métodos de gramática e tradução (RICHARDS; RODGERS, 2001).

Após 1916, com a publicação do Curso de Linguística Geral de Saussure, o estudo das línguas passou a ter caráter científico. Com o surgimento do Behaviorismo, o ensino de LE passou a utilizar as teorias da linguagem para o ensino. No final da década de 1950, com a sociolinguística, passou-se a considerar o contexto, a interação. Esta corrente teórica auxiliou no surgimento de métodos chamados humanísticos afetivos, os quais surgiram na Europa e nos Estados Unidos, na década de 1960 (BORNETO, 2004). Apesar de toda consideração com as emoções e sentimentos da relação professor e aluno, a língua era ensinada como estrutura e regras a serem seguidas.

Entre a década de 1970 e 1980, o interesse no ensino comunicativo de LE se desenvolveu. Este movimento comunicativo tirou o foco gramatical do ensino como principal, contribuindo, assim, para mudar a visão sobre linguagem e aprendizagem. Então, a sala de aula passou a ser um ambiente autêntico de comunicação.

Para Richards e Rodgers (2001), o ensino comunicativo de LE marca o início de uma grande mudança no ensino de línguas, e estas modificações podem ser sentidas até hoje. De acordo com os mesmos autores, os princípios da abordagem comunicativa são: aprendizagem da língua usando-a; comunicação autêntica e significativa; fluência na língua alvo; integração de diferentes habilidades linguísticas; e a aprendizagem deve ser considerada um processo criativo de experimentações e erros.

O ensino comunicativo de uma LE é um conjunto de princípios com objetivo de desenvolver a competência comunicativa. Esta competência é descrita como:

Knowing how to use language for a range of different purposes and functions.



EDIÇÃO Nº 05 OUTUBRO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/09/2013

Knowing how to vary our use of language according to the setting and the participants (e.g., knowing when to use formal and informal speech or when to use language appropriately for written as opposed to spoken communication). Knowing how to produce and understand different types of texts (e.g., narratives, reports, interviews, conversations). Knowing how to maintain communication despite having limitations in one's language knowledge (e.g., through using different kinds of communication strategies) (RICHARDS, 2006, p. 3).

Esses foram exemplos de métodos de ensino de LE mais difundidos. No entanto, Kumaravadivelu (2008) explica que os métodos de ensino de LE são cíclicos, mesmo que apresentem uma nova roupagem, ao final são velhas ideias. O termo método é limitante, perdeu sua significância e o autor discute o que chama de **pós-método**.

A necessidade de desenvolver visões sobre o ensino de língua após todos os métodos desenvolvidos deve-se ao fato que estes são de pouca utilidade prática e refletem teorias de validade questionável. Assim, a pedagogia do pós-método propõe reestruturar a visão de ensino de LE. O pós-método possui muitas características que podem ser colocadas em prática com o *Design Thinking* para promover alternativas viáveis para o ensino de LE. Esses pontos serão comentados posteriormente.

Ensino de Língua Estrangeira no Brasil

Após essas considerações, é interessante ponderar a situação do ensino e aprendizagem de LE no Brasil, visto que é neste contexto que o estudo se insere. Almeida Filho (2008) diz que nos dias atuais percebe-se no ensino de línguas modernas o uso de técnicas pragmáticas de domínio da conversação básica, o ensino programado mediante esquemas behavioristas, a supressão dos estudos da literatura e cultura, o ensino de língua pela língua, a fraqueza do vocabulário culto, e a falta de leitura dos grandes autores. De acordo com o autor, a metodologia de ensino de LE na sala de aula pouco mudou em relação aos métodos tradicionais de gramática de tradução.

Leffa (1999), em seu texto “O ensino de línguas estrangeiras no contexto nacional”, faz um histórico do ensino de Línguas Estrangeiras no Brasil. Segundo o autor, quando os jesuítas chegaram, o português era a língua estrangeira e foi ensinada aos habitantes nativos do Brasil, por exemplo, pelo padre Anchieta, com o objetivo de catequização. Após algum tempo, com o surgimento de escolas, o estudo do grego e latim passaram a dominar. Com a chegada da Família Real, em 1837, línguas modernas foram inseridas no currículo, porém a



EDIÇÃO Nº 05 OUTUBRO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/09/2013

metodologia era de tradução de textos e de análise gramatical.

No início do Império a carga horária para LE era de 50 horas por semana, e no final era de 36 horas. Durante a República, a carga horária foi reduzida para 29 horas. Na reforma de 1931 as línguas modernas foram enfatizadas, diminuindo a carga horária do latim. Pela primeira vez foi introduzido o método direto, colocando os aprendizes em contato direto com a LE.

Em 1942 o ministro Capanema reformulou alguns aspectos do ensino. O Ensino Médio tinha o primeiro ciclo, chamado ginásio, de quatro anos, e o segundo ciclo, com dois segmentos: o clássico, com o estudo de línguas; e o científico, com o estudo de matemática, física, química, biologia.

Essa reforma preocupou-se com a metodologia. Além das habilidades de compreensão, fala, leitura e escrita, as aulas deveriam proporcionar momentos de reflexão e conhecimento das tradições e ideias do outro povo. Ilustrações deveriam ser utilizadas, recursos visuais e outros. No início a proposta era ter algo mais fácil, para depois progredir até obras literárias. O ministério da educação era responsável por decidir metodologias, línguas ensinadas e o programa para cada série. Quase tudo funcionou, mas o método direto, segundo Leffa (1999) parece não ter chegado à sala de aula que focalizou apenas a leitura de textos.

Muitos consideram este movimento como fascista, porém, no período deu-se grande importância ao estudo de LE. Muitos aprendizes concluíam o Ensino Médio lendo, por exemplo, romances de Hemingway.

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), de 1961, o Ensino Médio permaneceu com sete anos e deu-se início “a descentralização do ensino” (LEFFA, 1999, p. 8). O governo do estado organizou o ensino de LE. O latim foi quase banido do currículo, o francês teve a carga diminuída, permanecendo apenas o inglês. Em 1971, muitas escolas ofereciam LE apenas no segundo grau, sendo destinada uma hora semanal para a disciplina.

Em 1996 foi publicada uma nova lei. O ensino de LE passou a ser obrigatório a partir da quinta série. No período em que Leffa (1999) fez esta contextualização do ensino os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) estavam sendo publicados. De acordo com o autor:



EDIÇÃO Nº 05 OUTUBRO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/09/2013

Estamos descobrindo agora, às portas de um novo milênio, que o professor não é o problema, mas a solução e que há um retorno maior investindo no professor e no aperfeiçoamento da sua metodologia. As novas tecnologias não substituem o professor, mas ampliam seu papel, tornando-o mais importante. A máquina pode ser uma excelente aplicadora de métodos, mas o professor precisa ser mais do que isso. Para usar a máquina com eficiência, ele precisa ser justamente aquilo que a máquina não é, ou seja, crítico, criativo e comprometido com a educação (LEFFA, 1999, p. 15).

Os PCNs de LE apresentam a aula da referida disciplina como um espaço de interação e preconiza que o conhecimento deve ser construído, em conjunto, pelos alunos e pelo professor. A aprendizagem é vista como um processo cognitivo e social, e o aprendiz se baseia em seus conhecimentos prévios para construir significados, por meio da relação interacional entre quem fala, para quem, por que, quando e onde (BRASIL, 1997).

Na maioria das escolas públicas estaduais e muitas particulares a Língua Inglesa foi adotada. E, em algumas, também o Espanhol. Em vários estados do Brasil foram criados os centros de língua do governo com o objetivo de oferecer para os alunos e para a comunidade aulas de LE, além das que estão no currículo formal. Existem vários desses centros de línguas, os quais oferecem aulas de: italiano; alemão; mandarim; japonês; entre outras. É uma medida interessante tomada pelo governo para incentivar o estudo de LE, todavia, ainda existem problemas a serem resolvidos, por exemplo, o número de vagas. Muitas vezes a quantidade de pessoas que querem se matricular é maior do que a sala de aula pode comportar, sem citar outros problemas da educação pública geral.

Apesar da visão sociointeracionista do documento para o ensino de LE, o educador ao lê-lo pode ficar em dúvida sobre como proceder em sua prática diária de ensino, visto que são apenas parâmetros e sua função não é sugerir procedimentos de aulas ou atividades.

Sobre esse cenário, Moita Lopes (1996) aponta a necessidade de repensar o ensino do inglês (que pode ser aplicado a qualquer outro idioma estrangeiro) para a realidade brasileira, envolvendo pontos que atendem as necessidades dos alunos. É importante ensinar LE sem fomentar preconceitos em relação ao Brasil, pois muitos exaltam a cultura estrangeira como melhor, sem reconhecer os aspectos positivos da própria cultura. A parte linguística da língua aprendida pode até ser esquecida, porém os valores e os comportamentos dos falantes nativos vão ser lembrados pelos alunos. Os componentes culturais são fundamentais e ao levá-los para a sala de aula deve ser preservada a identidade cultural dos alunos brasileiros. O



EDIÇÃO Nº 05 OUTUBRO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/09/2013

ensino de uma LE precisa ser pensado juntamente com a formação sócio-histórica brasileira e a condição de um país emergente.

Novas Arquiteturas Pedagógicas para o Ensino de Língua Estrangeira

Percebe-se que apesar das mudanças no ensino de LE no Brasil, ainda existe muito que pode ser feito para que o ensino melhore. Conforme mencionado, Kumaravadivelu (2008) explica que os métodos de ensino de LE são limitantes, perderam sua significância. Nesse sentido, a pedagogia do pós-método propõe reestruturar a visão de ensino de LE e a formação do professor. Para tanto, Kumaravadivelu (2008) propõe três parâmetros que são a base conceitual do pós-método.

O primeiro trata-se do conceito de **Particularidade**. Para tanto, é necessário o entendimento integral da situação de aprendizagem que está inserido um grupo particular de alunos, um grupo particular de professores, com objetivos e contextos particulares. As aulas devem estar em sincronia com as características linguísticas, socioculturais e políticas do local. Após identificar o problema deve-se tentar achar soluções pertinentes para àquele espaço.

O segundo conceito remete a **Praticabilidade**. Sobre o exposto, é necessário aliar a prática à teoria, sendo mais importante melhorar a prática do que produzir teorias, que devem ser pautadas nas experiências dos educadores. Os professores devem ser ajudados a desenvolver conhecimento, habilidade, atitude e autonomia necessária para construir seu próprio contexto de teoria a partir de sua prática. Este parâmetro envolve: identificar o problema; analisar informações; considerar os dados; avaliar alternativas; e escolher uma que é submetida à avaliação crítica: ação no pensamento e pensamento na ação.

O terceiro conceito diz respeito à **Possibilidade**. Verifica-se a necessidade de trabalhar em sala de aula com conhecimentos e práticas sociais que envolvem experiências que as pessoas (docentes e discentes) trazem para o cenário educacional. Esses conhecimentos e experiências são formados por extensão social, econômica, cultural, fatores que estão envolvidos na vida dos participantes da escola. A realidade sociocultural não pode ser ignorada. Kumaravadivelu (2008) cita Paulo Freire como um dos fundadores desse parâmetro, pois compreende que a pedagogia está ligada ao poder e domínio social. Por isso, há necessidade dos indivíduos questionarem seu estado sujeito e reconhecerem que o



EDIÇÃO Nº 05 OUTUBRO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/09/2013

ensino de LE está ligado à ideologia do contexto social de língua materna e pode gerar conflitos. Cabe aos educadores auxiliarem os aprendizes em seus processos de construção de subjetividade e reflexões críticas sobre a linguagem. Para que isso seja possível, no pós-método, a pedagogia deve ser participatória, por meio de projetos colaborativos tornando a LE um instrumento de transformação social.

Ao pensar nos parâmetros de Kumaravadivelu (2008) é possível perceber a necessidade de desenvolver alternativas para o ensino de LE, novas maneiras de construir a aprendizagem. A pergunta que surge é como colocar esses parâmetros em prática, como arquitetar (projetar e construir) uma nova pedagogia para ensinar a LE. Ao cursar a disciplina de mestrado, intitulada “Novas Arquiteturas Pedagógicas (NAP)”, e após ler os pressupostos do pós-método de Kumaravadivelu (2008) foi possível perceber que o *Design Thinking* oferece respostas para a prática pedagógica da sala de aula.

Importantes conceitos do *Design Thinking* podem ser encontrados no material “*Design Thinking for educators*”. Este é apresentado como um *toolkit* para educadores que são designers do dia a dia, porque planejam e projetam a sala de aula, o currículo, o ambiente de aprendizagem, as experiências e interações. E segundo o exposto no referido manual, “*Design Thinking adds a new perspective to your work*” (IDEO, 2011, p.3). A escolha deste material ao invés do *Human-Centered Design* (HCD) convencional é que aquele está voltado para a área educacional, com exemplos e estudos de caso da área.

A definição de *Design Thinking* por IDEO¹ (2011) é a seguinte:

Design Thinking is a mindset. Thinking like a designer can transform the way you approach the world when imagining and creating new solutions for the future: it's about being aware of the world around you, believing that you play a role in shaping that world, and taking action toward a more desirable future. Design Thinking gives you faith in your creative abilities and a process to take action through when faced with a difficult challenge. (IDEO, 2011, p. 3)

Dentre as características do *Design Thinking* para educadores, citados por IDEO (2011), destacam-se os seguintes:

É centrado no ser humano. Entende os desejos e motivações das pessoas, tendo por elas grande empatia;

É colaborativo. Exige conversação, discussão e total trabalho em equipe. O professor, apesar de estar sempre rodeado de muitas pessoas, ao desenvolver sua prática está



sozinho: elabora planos de aula sozinho; aplica-os sozinho; pensa nas dificuldades da sala de aula de dos alunos sozinho. O *Design Thinking* motiva a mudança desse quadro, pois uma educação colaborativa é uma educação melhor;

É experimental. Proporciona espaço para tentar algo novo, permite erros e o aprendizado com eles, algo muito inovador na área educacional, vista sempre como um espaço em que o professor tem que acertar. As novas ideias permitem espaço para *feedback* e interação. É possível entender as variadas necessidades dos alunos e que o trabalho nunca estará completo ou resolvido, mas estará sempre em progresso. O melhor jeito de aprender é fazer, experimentar;

É otimista. Crença fundamental é que todos podem criar mudanças, não importa qual o problema, pequeno ou grande, com ou sem orçamento. Coisas melhores são possíveis e podem acontecer.

Todos os dias as salas de aula trazem desafios complexos, diferentes. E nem sempre métodos prontos são capazes de atender às necessidades de grupo e contexto específico. São necessárias novas perspectivas, ferramentas e novas abordagens.

Assim como Kumaravadivelu (2008) propôs em seus parâmetros do pós-método para o ensino de LE, há a necessidade de entender determinado contexto particular, e, nesse cenário, o *Design Thinking* destaca a percepção do mundo ao redor dos alunos para criar novas soluções para o futuro. Estas soluções, de acordo com o autor, necessitam de projetos colaborativos.

Todavia, a grande dúvida, como educador, é colocar em prática essas ideias e parâmetros. Tendo isto em vista, o *Design Thinking* para educadores propõe **cinco fases** de ação do processo. Abaixo segue um resumo dessas etapas:

Fases de ação do *Design Thinking*

| ETAPAS | CARACTERÍSTICAS |
|----------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1) DESCOBER TA | <ul style="list-style-type: none">• Perceber e encontrar o problema relevante para o específico contexto.• Compreender profundamente as necessidades dos sujeitos.• Estar aberto para novas oportunidades e ter inspiração para criar novas |



EDIÇÃO Nº 05 OUTUBRO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/09/2013

| | |
|--------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| | ideias. |
| 2) INTERPRE TAÇÃO | <ul style="list-style-type: none">• É o momento das observações.• Visitas a campo.• Percepções significativas. Conversações simples também podem ser inspiradoras.• Selecionar pensamentos, contar histórias até que seja possível encontrar uma direção clara. |
| 3) IDEAÇÃO | <ul style="list-style-type: none">• Gerar muitas ideias.• <i>Brainstorming</i>.• Todas as ideias são importantes até as consideradas mais “loucas”. |
| 4) EXPERIME NTAÇÃO | <ul style="list-style-type: none">• Colocar em prática as ideias.• Construir protótipos, pois tornam as ideias reais.• Aprender enquanto estiver construindo os protótipos e aprender com as outras pessoas.• Mesmo que não seja o protótipo ideal é possível aprender e ir refinando e melhorando a ideia. |
| 5) EVOLUÇÃO | <ul style="list-style-type: none">• É o desenvolvimento do que foi realizado ao longo do tempo.• Planejar os próximos passos.• Comunicar a ideia para outras pessoas que possam ajudar.• É importante lembrar que mudanças ocorrem frequentemente. Nada está acabado, mas existe sempre algo que pode ser repensado e melhorado. |

FONTE: IDEO (2011)

Essas etapas podem realmente auxiliar educadores e alunos a trabalharem juntos, identificando e resolvendo problemas do dia a dia da escola. Pode-se dizer que o *Design Thinking* é uma nova arquitetura pedagógica que auxilia na elaboração de outras. É inovador porque realmente atende às necessidades do contexto, o que geralmente não acontece nas escolas e nem nas aulas de LE, onde o professor tem que seguir um livro didático feito para ser útil em diferentes espaços escolares.



EDIÇÃO Nº 05 OUTUBRO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/09/2013

O processo que hoje predomina nas escolas, referindo-se àquele que a coordenação pedagógica passa o cronograma que o professor deve cumprir, e este divide os conteúdos e “repassa” para os alunos, pode ser pensando em uma perspectiva inovadora. Isso acontece quando o educador pergunta para os alunos sobre o desejo que eles possuem sobre a disciplina, conversa com eles. Não apenas por meio de questionário com várias perguntas, mas aproveitando o espaço de sala de aula para discussões. Após recolher os dados, os envolvidos no processo analisam, interpretam e tentam atender esses desejos. O docente se torna inovador quando olha para o ensino de forma participatória, o aluno sendo também o protagonista.

A inovação continua quando o professor pode desenvolver sua ideia por meio de protótipos e testes. Até o momento foi falado sobre a relação apenas professor-alunos e sala de aula, todavia, outros profissionais da escola podem estar envolvidos contribuindo. Os alunos, a escola, os pais, e o grupo envolvido no projeto participam da construção. Esse é um momento de colaboração participativa. Os supervisores, com a teoria, experiências e os alunos com seus conhecimentos prévios e experiências escolares.

Se o protótipo não funcionar não é um momento para desesperos, pois, segundo IDEO (2011), aprende-se fazendo, com experimentação e erros. Quanto antes errar maior é a chance de consertar e mais rápido elaborar protótipos que atinjam os objetivos do grupo. Muitos aprendizes de LE acreditam que não sabem e não aprendem outra língua na escola. Um protótipo, atendendo o desejo dos alunos, viria ao encontro das suas necessidades e contribuiria mais para a aprendizagem e reconhecimento do que foi aprendido.

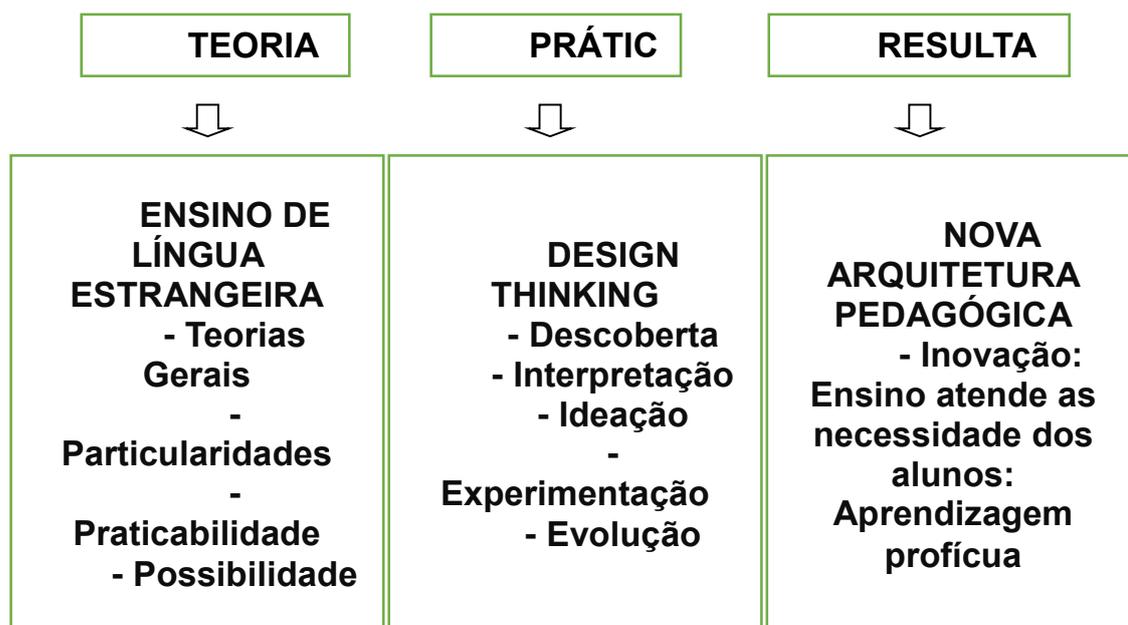
Depois da elaboração de vários protótipos, várias testagens (um exemplo não é suficiente para entender o desejo e atingir os objetivos) é possível chegar a um resultado, a um projeto. Porém, esse não está concluído, não termina, está sempre em evolução, pode ser melhorado. Novas e melhores ideias podem surgir enquanto o projeto está em desenvolvimento. O projeto, mesmo que tenha chegado a um bom nível, ainda pode ser melhorado, crescer. Essa proposta é inovadora para um ensino no qual as notas são o único reflexo do que o aluno aprendeu das aulas, e após a testagem não se aplica mais o conhecimento trabalhado.

O esquema abaixo resume o que foi abordado anteriormente:



EDIÇÃO Nº 05 OUTUBRO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/09/2013

Esquema de testagem do *Design Thinking*



Partir dos desejos dos alunos, envolvê-los no processo, trabalhar de forma colaborativa é uma nova arquitetura pedagógica. As teorias e a prática devem estar juntas para dar suporte para os envolvidos no processo, mas o foco deve estar centrado no processo de resolução dos problemas do contexto da escola, onde os sujeitos estão inseridos. A inovação não precisa ser algo grandioso, todavia, algo eficaz que olhe para os problemas da sala de aula e da escola de forma diferenciada, e tente resolvê-los de forma que realmente seja significativo e melhore o processo de aprendizagem para os envolvidos.

Considerações Finais

Por muitos anos o Ensino de LE está presente nas escolas. Até o momento pouco efetivo tem sido esse ensino, pois é possível notar que muitos alunos não aprendem LE na escola. Essa “falha” envolve diversos fatores, porém, é o momento de pensar no que já foi feito e não resolveu os problemas do ensino e aprendizagem de LE, e pensar em como solucioná-los.

Desenvolver projetos a partir da proposta do *Design Thinking* é uma abordagem nova



EDIÇÃO Nº 05 OUTUBRO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/09/2013

para o ambiente escolar que se apresenta de forma prática e pode ser efetivada de modo colaborativo, pois, é um processo em que todos participam contribuindo com o que sabem e resolvendo questões pertinentes ao seu contexto de vida.

Notas explicativas

¹ IDEO (pronounced “eye-dee-oh”) is an award-winning global design firm that takes a human-centered, design-based approach to helping organizations in the public and private sectors innovate and grow. We identify new ways to serve and support people by uncovering latent needs, behaviors, and desires. We envision new companies and brands, and we design the products, services, spaces, and interactive experiences that bring them to life. We help organizations build creative culture and the internal systems required to sustain innovation and launch new ventures. (Disponível em: <http://www.ideo.com/about/>).

Referências

- ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. **Dimensões comunicativas no ensino de línguas**. 5. ed. Campinas: Pontes, 2008.
- BORNETO, Carlo Serra. *C’è una volta Il metodo*. 6. ed. Urbino: Arti Grafiche Editoriali Srl, 2004.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, MEC/SEF: 1997.
- CESTARO, Selma Alas Martins. **O ensino de língua estrangeira: história e metodologia**. Disponível em: <<http://www.hottopos.com.br/videtur6/selma.htm>>. Acesso em: 15 de nov., 2013.
- IDEO. *Design Thinking for educators. Version One. Riverdale Country School, 2011*.
- KUMARAVADIVELU, B. *Understanding language teaching: from method to post method*. 3. ed. New Jersey: Taylor & Francis e-Library, 2008.
- LEFFA, Vilson J. **O ensino de línguas estrangeiras no contexto nacional**. Contexturas, APLIESP, n. 4, p. 13-24, 1999.
- MOITA LOPES, L. P. “Yes, nós temos bananas” ou “Paraíba não é Chicago, não”: um estudo sobre a alienação e o ensino de inglês como língua estrangeira no Brasil. In Moita Lopes, L. P. (Org.) **Oficina de Linguística Aplicada**. Campinas: Mercado de Letras, 1996. p.37- 62
- RICHARDS, Jack C. *Communicative Language Today*. Cambridge University Press: New York, 2006.



EDIÇÃO Nº 05 OUTUBRO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/09/2013

RICHARDS, Jack C.; RODGERS, Theodore S. *Approaches and Methods in Language Teaching*. 2. ed. Cambridge University Press: US, 2001.